

José de Alencar e Machado de Assis

Antônio Sales

Outro dia, lendo uma relação dos visitantes da Biblioteca Pública de Fortaleza, verifiquei que os leitores pediam de preferência os livros de José de Alencar. Nenhum pedia os de Machado de Assis. E de uma estatística fornecida à imprensa do Rio pela casa Garnier, constava que os livros mais procurados ainda eram os de José de Alencar.

É concludente, pois, que o romancista cearense se tornou o escritor nacional por excelência, gozando ao mesmo tempo da estima dos letrados e da simpatia popular.

Só com a primeira contou Machado de Assis, e, ainda assim, somente os dotados de um gosto já bastante apurado são capazes de compreendê-lo e amá-lo.

Esse homem nascido do povo era um aristocrata do espírito, e na sua ascensão para um estágio superior da vida deixou atrás tudo o que poderia prendê-lo às solicitações e influências de sua origem.

Alencar, ao contrário, filho de pai alcaide, se não desceu até a plebe (nem poderia fazê-lo, porque a plebe entre nós é analfabeta), fez-se, contudo, amar ao mesmo tempo desde a pequena burguesia até a aristocracia social e intelectual.

Contemporâneos e disputando ambos os aplausos públicos, o autor de *O Guarani* e o de *Braz Cubas* foram bons amigos, menos provavelmente pelo impulso de um verdadeiro afeto

do que pelo respeito mútuo existente entre dois homens de grande inteligência e de boa educação.

Mas havia uma diferença profunda entre esses expoentes máximos da nossa literatura de ficção da era romântica.

Alencar era um homem de ação múltipla, combativo, conquanto sensível, apto para as pelejas da imprensa e as pugnas parlamentares, destemido e brilhante. Machado, tímido e retraído, coagido pela humildade da sua origem e pela enfermidade que não lhe permitia grandes esforços e paixões veementes, seguiu o caminho que lhe era mais fácil: o de historiador sereno e discreto da sociedade em que se formou e venceu, não sei por que milagre de talento e de trabalho.

Disse uma ocasião Graça Aranha que o estilo salvou Machado de Assis do humorismo. Penso ao contrário, que foi o humorismo que salvou o estilo de Machado.

Frio e comedido, destituído de audácia, incapaz de eloquência, ele só poderia achar emprego asado para o seu estilo na análise miúda e sutil das coisas da vida urbana, na viviseção psicológica das figuras com que ia topando na rua, nos salões e na repartição, onde trabalhava modestamente como um funcionário vulgar.

Mas vejam a vida de Alencar: nascido na abundância, formado numa faculdade de direito, logo encaminhado para a imprensa e para a política, penetrando na sociedade da Corte pelo casamento com uma moça de família importante, tudo nele eram estímulos para combater e ambições de brilhar.

Do ponto de vista do *métier* literário, Alencar faz-se nacionalista, ou mais do que isso, chauvinista, e, ao mesmo tempo que cria o indianismo como escola de novela brasileira, reage contra a influência da língua lusitana, tentando lançar os fundamentos do dialeto nacional, que seria o português adaptado aos nossos órgãos vocais e às contingências da vida num clima intertropical, onde as cousas têm outros aspectos, outra cor e outro nome.

Machado, nacionalista também, pois que escreveu as *Americanas* e foi sempre um romancista local, embora ponha toda a humanidade nas suas figuras e nos seus conceitos, guarda a forma clássica portuguesa e a cultiva e apura até tornar-se um purista citado nas abonações dos gramáticos.

Mas não citam Alencar, como não citam Nabuco e Taunay. É que estes três escritores são brasileiros pelo tom característico de seu estilo, que não se confunde com os dos portugueses, cuja maneira de expressão nos faz parecer o português falado de Portugal, quase uma língua estrangeira e o escrito positivamente um instrumento impróprio para a exteriorização de nosso pensamento.

Assim não pensam os classicomanos e lusófilos que pretendem à fina força obrigar-nos a falar e a escrever como em Portugal.

Ao passo que Machado, disciplinado por índole, aceitava o idioma português para cultivá-lo e até à perfeição. Alencar criava o sisma da emancipação da língua e da literatura brasileiras e entrava em pelejas para sustentar sua idéia secessionista.

E assim procedia logicamente, pois seria errôneo e até grotesco que as suas criações indianistas e todos os seus tipos brasileiros se exprimissem em linguagem de portugueses.

Isso era mais viável para Machado, cujos tipos letrados podiam se exprimir, sem escândalo, com correção clássica.

Mas é secundária a questão de linguagem. O que diferencia profundamente os dois escritores é que Machado encaminhou-se facilmente para cultivar um gênero existente, embora sobrepondo-se a todos os outros escritores do seu tempo.

A Alencar não satisfazia um trilho já aberto, e, a golpes de gênio, gerou o Indianismo, para dar campo à sua imaginação que ansiava por exercer-se em obras de verdadeira criação. E assim, do romance do salão e do romance regionalista, ele se elevou aos dois poemas em prosa, que são *Guarani* e *Iracema*, obras *sui generis* alheias à observação e à análise, concebidas num delírio genético e executadas com a ingenuidade transcendente das obras-primas.

Franklin Távora, que nas *Cartas de Semprônio* fez uma apreciação tão minuciosa e por vezes tão justa ao *Gaúcho*, que devia ser um romance de observação e é mais uma obra de imaginação, quis aplicar os mesmos processos a *Iracema*, e foi um desastre.

Iracema não se analisa, admira-se, recita-se, eu ia dizer — reza-se.

Guarani é um poema cujas inverossimilhanças desaparecem no fulgor de epopéia e no azul de idílio desse conúbio das duas raças, realizado no momento em que Peri cingiu o corpo de Ceci sobre a palmeira, que, arrastada pela corrente, fugiu e desapareceu no horizonte...

São esses dois poemas os seus supremos títulos de glória. Mas nada na obra de Alencar é negligenciável. Mesmo em seus romances folhetins os mais ligeiros sente-se a mão do mestre. Não há confundi-lo com seus contemporâneos Macedo e Bernardo Guimarães, cujas obras, além do desalinho de forma, eram destituídas de observação.

Se os seus livros regionalistas pecam pela inexatidão das paisagens e dos dados etnológicos, são sempre impregnados de vigorosa poesia, que os torna vivos e empolgantes. E ainda temos o grande romance de aventura tentado em *Minas de Prata*, onde nos aparecem, com um sabor scotiano, admiráveis quadros da vida colonial. Mas neste terreno, citemos os seus *Alfarrabios*, entre os quais figura essa jóia de observação e de humor, que é *Garatuja*.

Seus outros livros de pretensões psicológicas *Diva*, *Senhora* e *Lucíola*, pouco contam em sua obra, sendo meros pasatempos de um romancista da moda. Mas há neste último, que é a nossa *Dama das Camélias*, algo de forte, que revela aptidões notáveis para estudos dessa natureza. Neste terreno, Machado de Assis achou campo próprio para o seu trabalho de ebanista de idéias.

Alencar fez obra ciclópica com alguns grandes livros cujas arestas atestam as explosões de seu pensamento em ignição constante.

Ambos se juntam e se completam — o homem do Norte e o do Sul — para revelar a capacidade intelectual de nossa raça e afirmar com segurança a glória futura de nossa civilização.

Bem haja a terra que num movimento de orgulho e gratidão eleva hoje na praça pública o vulto ênio do filho imortal a quem ela deve chamar-se suavemente, gloriosamente, a — Terra de Iracema.